

ENCONTRO COM
MÁRIO SCHENBERG

MÁRIO SCHENBERG

Mário Schenberg é geralmente considerado como o pioneiro da física teórica e da astrofísica moderna no Brasil. Publicou seu primeiro trabalho de física teórica em 1936 na revista italiana *Il Nuovo Cimento*, em que aplicava a eletrodinâmica quântica para obter a chamada interação de Möller. Fez os seus primeiros trabalhos de astrofísica nos Estados Unidos em 1940 a 1942. Propôs com George Gamow o processo Urca, mecanismo de explosão das estrelas supernovas. Elaborou com S. Chandrasekhar o modelo estelar com núcleo isotérmico, aplicável ao sol e estrelas semelhantes depois de terminada a produção de energia nuclear no centro da estrela. Estes dois trabalhos foram realizados nos Estados Unidos quando era Fellow da Fundação Guggenheim. Mário Schenberg foi colaborador de muitos dos maiores físicos teóricos e experimentais contemporâneos: Enrico Fermi em Roma, W. Pauli em Zurique e Princeton, Frédéric Joliot-Curie em Paris, S. Chandrasekhar em Yerkes nos Estados Unidos. De 1948 a 1953 lecionou na Universidade de Bruxelas. Mário Schenberg é autor de 120 trabalhos sobre astrofísica, física teórica, física experimental, física matemática, análise funcional e geometria.

Alguns dos maiores físicos teóricos e experimentais brasileiros como César Lattes, José Leite Lopes, Abrão de Moraes, Jaime Tiomno, Jean Meyer e muitos outros foram seus alunos.

Mário Schenberg foi diretor do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de 1953 até 1961. Durante a década de 1960 lecionou também no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas no Rio de Janeiro. É membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e da Academia de Ciências da América Latina em Caracas.

Mário Schenberg, além de sua atividade científica como físico, deu também contribuições importantes para vários ramos da matemática. Foi colaborador de muitos dos laureados com o Prêmio Nobel de Física: Fermi, W. Pauli, Frédéric Joliot-Curie, S. Chandrasekhar e de Ilya Prigogino, Prêmio Nobel de Química.

A atividade científica de Mário Schenberg em física inclui vários campos tais como mecânica clássica, eletromagnetismo, teoria dos dielétricos, teoria da ionização e da radiação de Cernkob, teoria clássica e quântica dos campos, relatividade geral, mecânica clássica e raios cósmicos.

Os métodos que introduziu na mecânica estatística clássica estão sendo agora largamente empregados em química teórica.

Mário Schenberg foi pioneiro em vários campos da física e da química, da astrofísica e da teoria das partículas elementares. Um dos aspectos marcantes da sua obra foi a reflexão última sobre a relação entre física e geometria, tendo sido o pioneiro no relacionamento da teoria quântica com a teoria moderna das variedades diferenciáveis.

Mário Schenberg recebeu em 1983 o Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – na área de física.

Mário Schenberg foi também Presidente da Sociedade Brasileira de Física de 1978 a 1981.

Mário Schenberg sempre se interessou pela física nuclear, tendo sido membro do Centro de Physique Nucléaire de Bruxelles, de 1948 a 1953.

CURRÍCULO ARTÍSTICO

Tive um interesse permanente pela arte desde os oito anos de idade, quando visitei pela primeira vez a Europa com meus pais. Iniciei meus estudos sobre história da arte em 1938 durante a minha segunda viagem à Europa. Nessa ocasião visitei numerosos museus, catedrais e palácios na Itália, Suíça, França, Bélgica e Portugal. Em 1939 conheci em Paris os pintores Emiliano di Cavalcanti e Noemia Mourão. Nessa época iniciei também meus estudos sobre a história do cinema em Paris, onde conheci Plinio Sussekind Rocha e Paulo Emílio Salles Gomes.

De volta ao Brasil em 1939, passei a frequentar a residência de Oswald de Andrade, onde conheci o pintor José Oswald de Andrade e a escultora e desenhista Teresa d'Amico. No fim de 1940 viajei para os Estados Unidos, onde trabalhei dois anos como Fellow em astrofísica da John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Nesse período pude aprofundar meus conhecimentos sobre artes plásticas, fotografia e cinema, visitando numerosos museus de arte em New York, Washington, Baltimore, Filadélfia e Chicago. Nos Estados Unidos iniciei meus estudos sobre a arte do Extremo Oriente e sua filosofia.

Nos Estados Unidos fiz trabalhos artísticos de fotografia, tendo feito uma exposição no Observatório de Yerkes (Universidade de Chicago). O trabalho em fotografia me permitiu uma compreensão mais profunda dos problemas da arte. Nos Estados Unidos entrei em contato com alguns artistas importantes como Zadkine e Tamayo, aos quais fui apresentado por Teresa d'Amico em New York.

De volta ao Brasil em 1942 fui apresentado por Bruno Giorgi a Alfredo Volpi, de quem me tornei amigo íntimo até hoje. Minha atividade de crítico de arte foi iniciada com a organização da primeira exposição individual de Volpi, para a qual escrevi o texto e fotografei as obras do catálogo.

Bruno Giorgi e Alfredo Volpi me apresentaram aos artistas do Grupo Santa Helena, com os quais estabeleci sólidas relações de amizade. Conheci também José Pancetti, do qual me tornei também amigo íntimo até o fim de sua vida.

Depois da volta dos Estados Unidos frequentei também o *atelier* de Lasar Segall, que já conhecia desde 1940. Frequentei também o *atelier* de Flávio de Carvalho. Posteriormente tornei-me amigo de Cândido Portinari, cujos murais já conhecera nos Estados Unidos. Convivi muito com Portinari em Paris depois de 1948. Nessa época conheci também pessoalmente numerosos artistas europeus, entre os quais Picasso, Chagall e Guttuso, além dos brasileiros Mário Gruber, Carlos Scliar e Antônio Bandeira.

No período entre 1942 e 1948 escrevi sobre Volpi, Pancetti, Bruno Giorgi e Figueira, sem exercer sistematicamente a crítica de arte. Comecei porém a me relacionar com a crítica de arte paulistana, tornando-me amigo de Lourival Gomes Machado, Sérgio Milliet, Maria Eugênia Franco, Ciro Mendes, além de Paulo Mendes de Almeida, Osório Cesar e Jorge Amado que já conhecera anteriormente.

De 1948 até 1953 permaneci na Europa. Nesses anos ampliei muito meu conhecimento da arte européia, nas viagens que fiz pelos países da Europa Ocidental, Central e Oriental. As viagens pela Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Alemanha, Áustria, Polônia, Checoslováquia, Suíça, França e Itália me permitiram conhecer melhor várias épocas da arte européia, assim como da arte africana e asiática, pelas obras dessas regiões expostas em museus da Europa.

De 1953 a 1958 fiquei afastado de atividades artísticas e críticas limitando-me a visitar as bienais de São Paulo e a fazer algumas leituras sobre os movimentos da arte contemporânea. A partir de 1958 aprofundi os meus contatos com o movimento artístico participando de debates sobre a pintura de Volpi em São Paulo e no Rio de Janeiro, estimulado por Mário Pedrosa, Waldemar Cordeiro e Theon Spanudis. Intensifiquei então os meus contatos com os artistas concretistas de São Paulo e com os neoconcretistas do Rio de Janeiro que conheci na exposição de Volpi do Museu de Arte Moderna de lá.

Em 1961 fui encarregado por Mário Pedrosa de organizar a Retrospectiva de Volpi na Bienal e de escrever o texto correspondente, por me considerar a pessoa com o melhor conhecimento da obra de Volpi e de ter sido o primeiro a reconhecer sua estatura artística excepcional. A partir dessa retrospectiva Volpi passou a ser considerado como uma das personalidades máximas da arte brasileira.

Participei das bienais de 1965, 1967 e 1969 como representante dos artistas no júri nacional de seleção. Participei do júri da 1ª Bienal Nacional da Bahia em 1966 e dos júris de vários Salões em São Paulo e Minas Gerais, assim como do júri do 1º Salão da Bússola no Rio de Janeiro, em 1969. Desde então participei apenas de alguns júris de salões de cidades paulistas até 1974.

Nas décadas de 1960 e 1970 escrevi numerosas apresentações de artistas renomados como Volpi, Mário Gruber, Mira Schendel, Waldemar Cordeiro, Rubens Gerchman, Antônio Dias, Roberto Magalhães, Hélio Oiticica, José Roberto Aguiar, Arnaldo Ferrari, Cláudio Tozzi, Frederico de Moraes, Roberto Moriconi, Antônio Marx, Teresa d'Amico, Ivald Granato, Erika Steinberger, Jenner Augusto, Sonia Castro, Waldomiro de Deus, Moby, Niobe Xandó, Ricardo Augusto Pinho, Marlene Trindade, Vera Ilse, Anésia Pacheco e Chaves, Lourdes Cedran, Kinoshita, Alufzio Siqueira, Sheila Brannigan, Bruno Giorgi, Zoravia Bettiol, Umberto Espíndola, Saverio Castellano, Gregório Gruber, Toyota, Hisao Hoara, Reboloto Gonçalves, Antonio Teixeira, Sérgio Lima, João Rossi, Ely Bueno, Montez Magno, João Parisi, Alice Carracedo, Neusa d'Arcanhy, Maurício Nogueira Lima e de numerosos artistas jovens.

Escrevi sobre arte em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro e também em revistas de arte. Sou autor do estudo "Arte e tecnologia", incluído na obra *Arte brasileira hoje*, de Ferreira Gullar, publicado em 1973 pela Editora Paz e Terra. Publiquei o estudo "Bruno Giorgi e o paganismo" na *Revista Acadêmica*, nº 66, 1945, dedicado a Bruno Giorgi. Publiquei recentemente um estudo sobre os movimentos concreto e neoconcreto na revista *Arte Hoje*, nº 2, 1977. Escrevi também vários estudos como textos de catálogos de exposições coletivas.

Sou membro da Associação Interacional dos Críticos de Arte e da Associação Brasileira dos Críticos de Arte. Sou membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e professor aposentado da USP.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
Instituto Nacional de Artes Plásticas

A
NAR
UNART
FUNARTE
UNART
NAR
A

Mário Schenberg

Mário Schenberg é geralmente considerado como o pioneiro da Física Teórica e da Astrofísica moderna no Brasil. Publicou seu primeiro trabalho de Física Teórica em 1936 na revista italiana *Il Nuovo Cimento*, em que aplicava a eletrodinâmica quântica para obter a chamada interação de Möller. Fez os seus primeiros trabalhos de Astrofísica nos Estados Unidos em 1940 a 1942. Propôs com George Gamow o processo Urca, mecanismo de explosão das estrelas supernovas. Elaborou com S. Chandrasekhar o modelo estelar com núcleo isotérmico, aplicável ao sol e estrelas semelhantes depois de terminada a produção de energia nuclear no centro da estrela. Estes dois trabalhos foram realizados nos Estados Unidos quando era "Fellow" da Fundação Guggenheim. Mário Schenberg foi colaborador de muitos dos maiores físicos teóricos e experimentais contemporâneos: Enrico Fermi em Roma, W. Pauli em Zurique e Princeton, Frederic Joliot-Curie em Paris, S. Chandrasekhar em Yerkés nos Estados Unidos. De 1948 a 1953 lecionou na Universidade de Bruxelas. Mário Schenberg é autor de cento e vinte trabalhos sobre Astrofísica, Física Teórica, Física Experimental, Física Matemática, Análise Funcional e Geometria.

Alguns dos maiores físicos teóricos e experimentais brasileiros como César Lattes, José Leite Lopes, Abrão de Moraes, Jaime Tiomno, Jean Meyer e muitos outros foram seus alunos.

Mário Schenberg foi Diretor do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de 1953 até 1961. Durante a década de 60 lecionou também no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas no Rio de Janeiro. É membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e da Academia de Ciências da América Latina em Caracas.

Mário Schenberg, além de sua atividade científica como físico, deu também contribuições importantes para vários ramos da Matemática. Foi colaborador de muitos dos Laureados com o Prêmio Nobel de Física: Fermi, W. Pauli, Frederic Joliot-Curie, S. Chandrasekhar e de Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química.

A atividade científica de Mário Schenberg em Física inclui vários campos, tais como Mecânica Clássica, Eletro-magnetismo, Teoria dos Dielétricos, Teoria da Ionização e da Radiação de Cernkob, Teoria Clássica e Quântica dos Campos, Relatividade Geral, Mecânica Clássica e Raios Cósmicos.

Os métodos que introduziu na Mecânica Estatística Clássica estão sendo agora largamente empregados em Química Teórica.

Mário Schenberg foi pioneiro em vários campos da Física e da Química, na Astrofísica e da Teoria das Partículas Elementares. Um dos aspectos marcantes da sua obra foi a reflexão última sobre a relação entre Física e Geometria, tendo sido o pioneiro no relacionamento da Teoria Quântica com a Teoria Moderna das Variedades Diferenciáveis.

Mário Schenberg recebeu em 1983 o Prêmio de Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Nacional na área de Física.

Mário Schenberg foi também Presidente da Sociedade Brasileira de Física de 1979 a 1981.

Mário Schenberg sempre se interessou pela Física Nuclear, tendo sido membro do "Centre de Physique Nucleaire de Bruxelles", de 1948 a 1953.

Curriculo artistico de Mario Schenberg .

Tive um interesse permanente pela arte desde os oito anos de idade, quando visitei pela primeira vez a Europa com os meus pais. Iniciei os meus estudos sobre Historia da Arte em 1938, durante a minha segunda viagem a Europa. Nessa ocasião visitei numerosos museus, catedrais e palacios na Italia, Suíça, França, Belgica e Portugal. Em 1939 conheci em Paris os pintores Emiliano di Cavalcanti e Moenia Mourão. Nessa epoca iniciei tambem meuas estudos sobre a Historia do Cinema em Paris, onde conheci Plinio Sussekind Rocha e Paulo Emilio de Salles Gomes .

De volta ao Brasil em 1939, passei a frequentar a residencia de Oswald de Andrade, onde conheci o pintor José Oswald de Andrade e a escultera e desenhista Teresa d'Amico .No fim de 1940 viajei para os Estados Unidos, onde trabalhei dois anos como Fellow da John Simon Guggenheim Memorial Foundation em Astrofisica . Nesse periodo pude aprofundar os meus conhecimentos sobre artes plasticas, fotografia e cinema, visitando numrosos museus de arte em New York , Washington, Baltimore, Philadelphia e Chicago . Nos Estados Unidos iniciei meus estudos sobre a Arte do Extremo Oriente e a sua filosofia .

Nos Estados Unidos fiz trabalhos artisticos de fotografia, tendo feito uma exposição no Observatorio de Yerkes (Universidade de Chicago). O trabalho em fotografia me permitiu uma compreensão mais profunda dos problemas da arte . Nos Estados Unidos entrei em contato com alguns artistas importantes como Zadkine e Tamayo, aos quais fui apresentado por Teresa d'Amico em New York .

De volta ao Brasil em 1942, fui apresentado pr Bruno Giorgi a Alfredo Volpi, de quem me tornei amigo intimo até hoje . Minha atividade de de critico de arte foi iniciada com a organização da primeira exposição individual de Volpi, para a qual escrevi o texto do catalogo alem de ter tirado as fotografias das obras .

Bruno Giorgi e Alfredo Volpi me apresentaram aos artistas do Grupo Santa Helena, com os quais estabeleci solidas relações de amizade. Conheci também José Pancetti, do qual me tornei também amigo íntimo até ao fim de sua vida.

Depois da volta dos Estados Unidos frequentei também o atelier de Lasar Segal, que já conhecia desde 1940. Frequentei também o atelier de Flavio de Carvalho. Posteriormente tornei-me amigo de Candido Portinari, cujos murais já conhecera nos Estados Unidos. Convivi muito com Portinari em Paris depois de 1948. Nessa época conheci também pessoalmente numerosos artistas europeus, entre os quais Picasso, Chagall e Gustus, além os brasileiros Mario Gruber, Carlos Scliar e Antonio Bandeira.

No período entre 1942 e 1948 escrevi sobre Volpi, Pancetti, Bruno Giorgi e Figueira, sem exercer sistematicamente a critica de arte. Comecei porém a me relacionar com a critica de arte paulistana, tornando-me amigo ~~intimo~~ de Lourival Gomes Machado, Sergio Milliet, Maria Eugenia Franco, e Ciro Mendes, além de Paulo Mendes de Almeida, Osorio Caspary e Jorge Amado que já conhecera anteriormente.

De 1948 até 1953 permaneci na Europa. Nesses anos ampliei muito o meu conhecimento da arte europeia, nas viagens que fiz pelos países da Europa Ocidental, e Central e Oriental. As viagens pela Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Alemanha, Austria, Polonia, Checoslovaquia, Suíça França e Italia me permitiram conhecer melhor varias épocas da arte europeia, assim como da arte africana e asiatica, pelas obras dessas regiões expostas em museus da Europa.

.....

De 1953 a 1958 fiquei afastado de atividades artisticas e criticas limitando-me a visitar as Bienais de São Paulo e a fazer algumas leituras sobre os movimentos da arte contemporanea. A partir de 1958 aprofundei os meus contactos com o movimento artistico participando de debates sobre a pintura de Volpi em São Paulo e no Rio de

Janeiro, estimulado por Mario Pedrosa, Waldemar Cordeiro e Theon Spanudis. Intensifiquei então os meus contactos com os artistas concretistas de São Paulo e com os neo-concretistas do Rio de Janeiro que conheci na exposição de Volpi do Museu de Arte Moderna de lá.

Em 1961 fui encarregado por Mario Pedrosa de organizar a Retrospectiva de Volpi na Bienal e de escrever o texto correspondente, por me considerar como a pessoa com melhor conhecimento da obra de Volpi e de haver reconhecido primeiro a sua estatura artistica excepcional. A partir dessa Retrospectiva Volpi passou a ser considerado como uma das personalidades maximas da arte brasileira.

Participei das Bienais de 1965, 1967 e 1969 como representante dos artistas no Juri Nacional de Seleção. Participei do Juri da 1ª Bienal Nacional da Bahia em 1966 e dos juris de varios Salões em São Paulo e Minas Gerais, assim como do Juri do 1º Salão da Bussola no Rio de Janeiro, em 1969. Desde então participei apenas de alguns juris de Salões das cidades paulistanas até 1974.

.....
".....é.....setenta".....

Nas décadas de sessenta ↓ escrevi numerosas apresentações de artistas renomados como Volpi, Mario Gruber, Mira Schendel, Waldemar Cordeiro, Rubem Gerchman, Antonio Dias, Roberto Magalhães, Helio Oiticica, José Roberto Aguilar, Arnaldo Ferrari, Claudio Tozzi, Roberto Moriconi, Antonio Mary Teresa d'Amico, Ivald Granato, Erika Steinberger, Jenner Augusto, Sonia Castro, Waldomiro de Deus, Moby, Niobe Xandó, Ricardo Augusto Pinho, Marlene Trindade, Vera Ilse, Anesia Pacheco e Chaves, Lourdes Cedran, Kinoshita, Aluizio Siqueira, Sheila Brannigan, Bruno Giorgi, Zoravia Bettiol, Umberto Espindola, Saverio Castellano, Gregorio Gruber, Toyota, Hisao Hara, Rebole Gonçalves, Antonio Teixeira, Sergio Lima, João Rossi, Ely Bueno, Montez Magno, João Parisi, Alice Carracedo, Neusa d'Arcanhy e de ^{Mauricio Nogueira Lima} numerosos artistas jovens.

Escrevi sobre arte em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro e também em revistas de arte. Sou autor do estudo Arte e Tecnologia, incluído na obra Arte Brasileira Hoje de Ferreira Gullar, publicado em 1973 pela Editora Paz e Terra. Publiquei o estudo Bruno Giorgi e o paganismo na Revista Acadêmica, nº 66, 1945, dedicado a Bruno Giorgi. Publiquei recentemente um estudo sobre os movimentos concreto e neo-concreto na revista ARTE HOJE nº2 1977. Escrevi também vários estudos como textos de catálogos de exposições coletivas.

Sou membro da Associação Internacional dos Críticos de Arte e da Associação Brasileira dos Críticos de Arte. Sou membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e professor aposentado da USP.

Mario Schenberg